

AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA (SL), L2, OU (NÃO) MATERNA

Lucas Pimentel¹
Taniele Ferreira²
Pérola Cunha Bastos³

Resumo: Nos artigos analisados, vemos uma exposição acerca da Aquisição de Segunda Língua (ASL), como a descrição de modelos teóricos e investigações pertinentes a área. Também uma conceituação de língua segunda, língua estrangeira e língua não materna e algumas diferenças e semelhanças entre aquisição de L2 e aquisição de L1. Discutimos como a aquisição se dá desde a tenra idade e como fatores individuais imperam no aprendizado da segunda língua. Observamos como o conhecimento prévio do idioma nativo é relevante na aprendizagem e expomos alguns modelos teóricos estudados relativos à linguística. Apresentamos um panorama do desenvolvimento do conhecimento linguístico na língua não materna do indivíduo. Refletimos sobre como a linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais. Visando isso, nessa pesquisa observamos pontos como, aspectos afetivos e cognitivos na fala materna e na relação interativa entre o bebê e a mãe, observado em um estudo. Relacionamos todos esses aspectos há uma análise pertinente sobre a aquisição de língua e segunda

¹ Graduando do segundo semestre em Letras, Língua Inglesa e suas Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (DLLARTES/UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: lucaspimf@gmail.com.

² Graduanda do segundo semestre em Letras, Língua Inglesa e suas Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (DLLARTES/UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: taniele.ferreira@hotmail.com.

³ Mestre em Educação Profissional. Profa. Assistente do Colegiado de Inglês. DLLARTES, Campus II. UNEB. Endereço eletrônico: pbastos@uneb.br.

língua com os nossos conhecimentos até o momento presente a respeito de conhecimento linguístico.

Palavras-Chave: Aquisição de linguagem. Segunda língua. Linguagem.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho foi fruto de uma experiência que chamaremos de iniciação à pesquisa bibliográfica sobre o tema aquisição linguística, discutido de uma unidade pedagógica, inserida na terceira unidade, do segundo semestre, da disciplina de Estudos Linguístico I, presente na grade curricular do curso Licenciatura de línguas estrangeiras oferecido pelo Colegiado de Inglês do Departamento de Linguística, Literaturas e Artes (DLLARTES), no Campus II, município de Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Entendemos que não há mais o que esperar, para exercitar, pelo menos, dimensões que compõem o trabalho da pesquisa. Os professores são pesquisadores naturais, afinal como profissionais do conhecimento, vivemos estudando, escrevendo e pesquisando. Assim, acreditamos que este espaço, do pensar merece exercício. Acreditamos muito no potencial dessa proposta de formação, pois este trabalho já aponta, para que pensemos em crescer nesta perspectiva.

Agora voltando para a proposta. A orientação primeira, foi de busca sobre a aquisição linguística em pesquisas publicadas por especialistas da área em ambientes, também, virtuais acadêmicos. Considerando, que em pares os estudantes trariam textos convergentes ao tema, supracitado, a fim de travarem discussões acerca da aquisição. Contudo, iniciamos contrapondo este, ultimo tema ao conceito de aprendizagem de língua. Em dinâmica de

seminário foram trazidos os textos acadêmicos, para discussão e reflexões a cerca de aquisição e da aprendizagem linguística.

A seguir, teremos o rico relato de como se deu a leitura e discussão trazida pelos autores desse trabalho a partir dos artigos científicos publicados. Trabalhos científicos estes, em forma de artigo científicos publicados, que foram os textos bases, para esta experiência tão formativa e rica de desafios.

Temos a seguir o andamento do relato, metodologicamente falando, a partir da análise dos artigos, sendo pontuados aspectos que dialogam com a orientação e interesses temático, no que tange aos elementos conceituais linguísticos em foco.

A ABORDAGEM CONCEITUAL DE AQUISIÇÃO L1 E L2

Nos artigos analisados, vemos uma exposição acerca da Aquisição de Segunda Língua (ASL), como a descrição de modelos teóricos e investigações pertinentes à área. Nosso recorte tratará da conceituação e do papel da interação no contexto da aquisição linguística, considerando alguns desdobramentos de pertinência.

A princípio temos o entendimento de que a aquisição ocorre de maneira não sistematizada por uma instituição de ensino, mas a aprendizagem linguística, sim. Sabemos da habilidade humana, para a fala segundo a teoria gerativista. Estamos falando da competência e desempenho. Chomsky (1975) denomina “competência” o conhecimento da língua e chamou de uso “desempenho”.

Para nos desafiar e fortalecer o exercício de reflexão, encontramos uma discussão interessante sobre desdobramento da conceituação de aquisição linguística. Não temos o objetivo primeiro de discutir tais conceitos em sua profunda complexidade.

Mas, entendemos importante trazê-la para o foco, pois entendemos organizador adotamos as terminologias apresentadas pelas autoras dos artigos científicos bases desse trabalho.

Como dissemos, faremos alusão aos pontos instigantes a partir das leituras dos textos bases, e a seguir começamos a partir da conceituação de segunda língua estrangeira (SLE), língua segunda (SL) ou não materna.

A conceituação de língua segunda língua estrangeira (SLE), língua segunda (SL) ou não materna. Ou seja, a língua que para ser falada /aprendida teve um processo de aprendizagem por um não nativo, ela assim, é língua segunda (SL) ou não materna, “deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais [...]uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico” (MADEIRA, 2003, p. 2). Apesar de haver controvérsias sobre este conceito, alguns teóricos utilizam a terminologia de língua ‘não materna’, em detrimento aos anteriores, por entenderem que nem sempre o contexto tem influência determinante no processo de aprendizagem de uma língua.

[...] quando falamos em língua segunda, estamos a referir-nos a um contexto de aprendizagem em que o falante não-nativo se encontra no seio de uma comunidade em que a língua é utilizada num grande número de situações de comunicação, tendo o falante, assim, oportunidade para participar em interações comunicativas quer com falantes nativos da língua quer com outros falantes não-nativos (MADEIRA, 2003, p. 2).

Observa-se ainda, que o termo língua não materna é para determinar a língua que foi adquirida/aprendida depois de uma ‘primeira’ língua. Num país como o Brasil com dimensões continentais, estamos dizendo com isso, que se o contexto interfere, no Brasil a possibilidade desse fenómeno acontecer é na

ares fronteiriças é enorme. Logo, faz-se necessária a pesquisa e análise de caso a caso. Pois, temos fronteira com paizes de línguas estrangeiras, como espanhol, além de acolher grandes comunidades de Japonezes, Alemães e outras nacionalidades, tudo favorece a que os conceitos aqui apresentados sejam desafiados, dado ao fenomenos do contato entre povos de diferentes línguas com o portugues brasileiro.

Existem pesquisas que indicam argumentos convergentes, no que tange às diferenças e semelhanças na aquisição/aprendizagem de L2 e aquisição de L1. São alguns fatos observáveis. É como se obedecesse a uma ordem de ocorrência, vemos que a aquisição de uma L2, se dá após a aquisição de L1. Vemos, também, que a aquisição/aprendizagem de L2 depende de fatores individuais de natureza psicocognitiva e afetiva; E ainda, a aprendizagem de L2, está sempre atrelada a algum nível de sistematização, ou intervenção do processo de ensino/aprendizagem através de uma instituição de ensino.

Sabemos também de aspectos semelhantes no processo de aquisição/aprendizagem. Os falantes não-nativos são criativos e produzem a fala de maneira, de tal maneira criativa, que apresentam aos falantes nativos da L2 formas de falar reconhecidas como 'diferenciadas'. Como todo aprendiz de uma nova habilidade, acontecem fenômenos idênticos para a habilidade linguística. Estamos falando do erro. Os erros fazem parte do processo, seja na aquisição da L1 ou na aprendizagem da L2.

Ainda sobre semelhanças no processo da aquisição/aprendizagem, temos que tudo nos leva a crer que existe uma sequência a ser cumprida, seja no processo de aquisição, ou no processo da aprendizagem. Trata-se a apropriação de estruturas da língua, sons, sílabas, substantivos, pronomes e outros. Não necessariamente, nesta ordem. O fato é que a língua vai sendo

realizada pelo aprendiz de maneira gradativa e progressiva de modo, rico, criativo e complexo.

Não podemos ser taxativos no que tange a um corpo amorfo, complexo e tão rico como são os sistemas lingüística. Logo, nossas análises aqui apresentadas, estão baseadas em pesquisas específicas, para nosso recorte temático e contextual.

Para além do conceito de aquisição ou aprendizagem lingüística, discutimos como a aquisição se dá desde a tenra idade, e como **fatores** individuais imperam no aquisição/aprendizado da (L2). Sabemos que desde a vida intrauterina a criança apresenta evidências de que há processos responsivos a estímulos, sugerindo, digamos ‘sensibilidade’ a eles.

O processo de aquisição da L1 começa nos primeiros meses de vida, sabemos que o ser humano é dotado para a habilidade da fala. Mas, estudos mostram que a L2 é adquirida mais tarde. Contudo, observa-se que aspectos de várias naturezas influenciam no processo de aquisição da L2. São algumas diferenças individuais, que determinarão o (não)avanço das habilidades linguísticas no processo de aprendizagem da L2. Sabe-se que apesar de muito empenho, pelo fator idade, é possível que, os aprendizes nunca atinjam um nível de competência muito alto, dado ao fenômeno da fossilização.

A idade determina a existência de diferenças importantes não só entre a aquisição de L2 por adultos e a aquisição de L1, mas também na própria aquisição de L2, entre adultos e crianças (MADEIRA, 2003, p. 5).

Observamos como o conhecimento prévio do idioma nativo é relevante na aprendizagem e expomos alguns modelos teóricos estudados relativos à lingüística. Esse fato além de curioso, é muito intrigante. Deixa-nos divagar sobre hipóteses a respeito. Parece-

nos que, 'abre-se' uma trilha por onde pode veicular um fluxo da aprendizagem linguística.

Outros fatores extralinguísticos têm sido identificados, como sendo relevantes na aquisição de L2 (MADEIRA, 2003, p. 5). São fatores que não dependem do meio mas do indivíduo e seu perfil psicológico, ou ainda, de como o aprendiz assume o exercício de aprendizagem de L2.

São mais alguns dos fatores individuais são importantes, para o aprendizado de L2, como a aptidão, a personalidade extrovertida e até questões de ordem ideológicas. São eles a aptidão para a aprendizagem de línguas estrangeiras; esta característica tem relação com aspectos de ordem psicocognitiva. Tem a ver com a satisfação e atitude do sujeito, tem relação com o estado de satisfação e aplicação que o sujeito apresenta em relação com o processo. E junto à motivação, que está estreitamente relacionada com as razões que levam um indivíduo a aprender uma L2, pois o sujeito pode agir de maneira produtiva e progressiva na aprendizagem da L2.

Outro fator individual, diz respeito aos estilos cognitivos, ou seja, a captação das informações segue mais por um dos sentidos sensoriais, e de percepção do que pelos outros cinco. Assim, o sujeito pode ser mais, visual, ou mais auditivo, ou mais cenestésico.

O aprendiz desenvolve meios de estudar, as conhecidas, 'as estratégias de aprendizagem de línguas, ou seja, as estratégias metacognitivas, cognitivas, sociais e afetivas que cada aprendiz desenvolve para obter, processar e memorizar informação linguística' (MADEIRA, 2003, p. 6). O fato do sujeito ser mais introvertido ou extrovertido dita os estilos de personalidade impactando na aprendizagem.

Não mais importante, é a relação/visão que o não falante nativo tem sobre a cultura da L2. Esta característica nos sugere um traço muito afetivo, por que seja por questões ideológicas, esta relação pode ser afetada e implicará, certamente, em resistências do aprendiz com a aprendizagem da L2. Ou o contrário, o fato de admirar os valores de uma certa sociedade estrangeira, pode ser um fator motivante para o aprendizado da respectiva língua.

Visando isso, nessa pesquisa observamos pontos como, **aspectos** afetivos e cognitivos na fala materna e na relação interativa entre a criança e a mãe, observado em um estudo. Relacionamos todos esses aspectos há uma análise pertinente sobre a aquisição de língua e segunda língua com os nossos conhecimentos até o momento presente a respeito de conhecimento linguístico.

A INTERAÇÃO SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Como já abordamos acima, nos aspectos individuais, a personalidade introvertida ou extrovertida poderá impactar nos processos de desenvolvimento da linguagem. Pois, acredita-se que seguimos ‘modelos’, quando aprendemos/adquirimos uma língua (L1).

[...]através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura (BORGES, 2003, p. 1).

Então, o papel da interação social carrega uma importância primordial, para o desenvolvimento, também, linguístico do aprendiz. Logo, quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, com outras crianças, para além dos pais; suas relações primeiras, mais benefícios obterá, para sua formação,

desenvolvimento do censo de pertencimento identitário cultural e social. E por este último, os estudos da linguagem tem buscado entender os sentidos atribuídos, por que a depender da cultura, eles assumem significados diferenciados. O que implica em conteúdo, para as pesquisas da área.

A teoria inatista, a teoria da interação social, ou socio interacionista sobre a linguagem, o papel do *input* linguístico são pontos relacionados às experiências, por que passam todos os aprendizes nesse longo processo de aquisição da fala de uma língua, ou lingüística.

Sabemos que a interação primeira está fixada na relação mãe-criança. Então, “a participação do adulto como interlocutor linguisticamente mais habilitado exerce o papel de mostrar-se sensível às intenções comunicativas da criança, buscando aproximar o nível linguístico desta ao seu (GARTON, 1992, *Apu* BORGES, 2003, p. 2). Contudo, apesar de importante, a interação tem sido considerada desmerecedora de tanta importância, visto que a qualidade da interação entre adultos-crianças, nem sempre inclui correções da fala da criança, quando apresenta inconsistências. Sendo assim, limitada. Os Inatistas atribuem à excelência das produções linguísticas à competência linguística desses.

A crítica aos inatistas se baseia na relação do bebe com sua mãe. “Essas pesquisas demonstraram que as mães, de uma forma geral, utilizam uma fala simples, repetitiva, gramatical e semanticamente ajustada ao nível de compreensão e interesse da criança” (BORGES, 2003, p. 3).

O tom de voz, escolhas vocabular, intensidades e demais modulações, tudo favorece à atração da atenção do bebe, produz sentido e podem ser consideradas respostas, estimuladas pelo o que os especialistas denominam de “*motherese*”.

‘motherese’ (manhês), e segundo os defensores da perspectiva da interação social dos estudiosos da linguagem, tem a função de envolvê-la na interação, no intuito de principalmente se comunicar com ela. É considerada um tipo de input característico da fala das mães, que apresentam-se sensíveis ao nível linguístico da criança, às suas habilidades sociais e cognitivas, assim como às idéias e interesses da mesma, incorporando-os ao seu próprio modelo de produção de fala (BORGES, 2003, p. 3).

Portanto, temos que reconsiderar a imprescindível importância da “*motherese*” no desenvolvimento linguístico da criança. Pois, a igual ausência da interação seja através da “*motherese*”, ou ausência de interação de qualquer outra forma, tem nos mostrado consequências, através dos atrasos e outros problemas da ordem da fala. Assim, o *input* da “*motherese*”, pode ser, real e profícuo para o desenvolvimento da fala em seu processo inicial. Observe-se que este estilo de fala não é realizado somente pela mãe, para o seu filho, mas vê-se o fato em momentos de fala entre adultos e crianças, independentemente da idade.

Enfim, mesmo apontando os estilos de input favoráveis e desfavoráveis à aquisição da linguagem, a abordagem da interação social dos estudiosos da linguagem não postula que o input por si só seja responsável pelo desenvolvimento da linguagem, considerando que os fatores biológicos também são importantes neste processo. Entretanto, a forma como a criança interage com o meio social e a qualidade das informações que recebe são fatores importantes para o domínio da linguagem. Se ela tem maiores oportunidades de interagir socialmente e se é considerada uma participante ativa desta interação, provavelmente alcançará com mais eficácia o domínio da linguagem do que aquelas crianças que não tiveram esta oportunidade e não foram consideradas como tal (BORGES, 2003, p. 7).

Podemos perceber que independente do tipo do input, seja vindo do contato com outras crianças, vindo da interação de

adultos ou da própria mãe através do *motherese*, a interação deve ser considerada, como um meio da aquisição lingüística da fala da criança. Apesar de haver polêmicas junto aos cognitivistas e inatistas, no estudo da linguagem. Assim, vemos, “o aprendizado da linguagem não depende apenas de capacidades cognitivas gerais, mas também de uma categorização de objetos e eventos, que se faz necessária para falar e compreender uma língua” (BORGES, 2003 *apud* SCHLESINGER, 1977).

Trata-se de processos que envolvem muito mais que input, interação e *motherese*. Tudo, por si só, já nos exigira muito estudo e pesquisa, como as que já existem. Assumir a beleza desses processos de aquisição linguísticas, é o mínimo que podemos reconhecer.

Chegamos ao momento de interromper estas reflexões por força das orientações necessárias, para a publicação desse trabalho. Mas, o sabor que fica é o de busca, por que nossa curiosidade de pesquisador já está atçada.

NOTAS DE CONCLUSÃO

Concluimos aqui por força das ‘normas para publicação’, mas estamos convictos que muito mais temos para aprender e discutir em pesquisas vindouras concernentes.

A orientação primeira, foi de busca sobre a aquisição linguística em pesquisas publicadas por especialistas da área em ambientes, também, virtuais acadêmicos. Considerando, que em pares os estudantes trariam textos convergentes ao tema, supracitado, a fim de travarem discussões acerca da aquisição. Julgamos que as discussões advindas dessa ação nos desconfortaram muito, por que nunca pensaríamos no nível de complexidade do tema que nos envolvemos.

Os textos científicos bases, para esta experiência tão formativa e rica de desafios foram muito importantes, para as reflexões que nos proporcionaram.

A aquisição da língua, seja materna ou não materna implica em processos complexos, que envolvem aspectos intra e extra sujeito.

A conceituação de língua segunda língua estrangeira, língua segunda (SL) ou não materna. Ou seja, a língua que para ser falada /aprendida teve um processo de aprendizagem por um não nativo, ela assim, é língua segunda (SL), ou não materna. Apesar de haver controvérsias sobre este conceito, alguns teóricos utilizam a terminologia de língua ‘não materna’, por entenderem que nem sempre o contexto tem influência determinante no processo de aprendizagem de uma língua.

Os aspectos individuais envolvidos no processo de aquisição trazem características semelhantes nos processos de aquisição L1 ou de L2. Eles interferem diretamente no processo de aquisição linguísticas.

Apresentamos um panorama do desenvolvimento do conhecimento linguístico na língua não materna do indivíduo. Refletimos sobre como a linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais.

Igual a ausência da interação, seja através da “*motherese*”, ou ausência de interação de qualquer outra forma, tem nos mostrado consequências, através dos atrasos e outros problemas da ordem da fala. Assim, o input da “*motherese*”, pode ser, real e profícuo para o desenvolvimento da fala em seu processo inicial

Podemos perceber que, independentemente do tipo do input, seja vindo do contato com outras crianças, vindo da interação de adultos, ou da própria mãe através do *molherese*, a interação deve ser considerada, como um meio da aquisição lingüística da fala da criança. Apesar de haver polêmicas junto aos cognitivistas e inatistas, no estudo da linguagem.

E de toda experiência vivida e na (re)invenção da vida, ainda que acadêmica será sempre válido pesquisar e viver, para o pensar mais irrestritamente.

REFERÊNCIAS

BORGES, Lucivanda C.; Salomão, N. M. R. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), pp. 327-336. 2003.

CHOMSKY, M. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MADEIRA, Ana & Maria Francisca Xavier. *The acquisition of clitic pronouns in L2 European Portuguese*. Em Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.). *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: Case studies across Portuguese*, 273-300. Berlin: Mouton de Gruyter. 2009.

MADEIRA, Ana, Maria Francisca Xavier & Maria de Lourdes Crispim. 2009. A aquisição de sujeitos nulos em português L2. *Estudos da Língua(gem) (Pesquisas em Aquisição da Língua(gem))* 7(2). 163-198.

MADEIRA, Ana, Maria Francisca Xavier & Maria de Lourdes Crispim. Uso e interpretação de sujeitos pronominais em português L2. Em Armanda Costa, 328 *13 Aquisição de língua não materna* Cristina Flores & Nélia Alexandre (eds.), *Textos selecionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 376-397. Lisboa: APL. 2012.

SALOMÃO, N. M. R. *Interaction between mothers and children with specific language impairment: A longitudinal study*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia. University of Manchester: England. 1996.

SALOMÃO, N. M. R. & Conti-Ramsden, G. *Maternal speech to their offspring: SLI children and their younger siblings*. *Scandinavian Journal of Logopedics and Phonology*, 19, 11-17. 1994.

